

Vasco Pinto de Magalhães, sj

**Só avança
quem descansa**

A sabedoria do tempo

10.^a edição



EDITORIAL AO

Na Capa

August Macke, Turkish Cafe, 1914

Capa

Romão Figueiredo

Ilustrações

Miguel A. Rodrigues

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

542920/25

ISBN

978-972-39-1008-7

1.ª edição

Setembro de 2012

10.ª edição

(4.ª edição na Editorial AO)

Fevereiro de 2025

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria

livros@snao.pt

Apresentação

*Ensinai-nos a contar os nossos dias,
para chegarmos à sabedoria do coração.
(Salmo 89)*

O *tempo*, esse bem que todos desejamos e tememos. Parece que nos foge. Nunca o desligamos da morte. Esperamos outros tempos. E temos saudades, também. Uns nunca têm tempo, outros, os desempregados, por exemplo, têm-no demais. Bem indefinível, desafio de todas as filosofias! Vivemos tempos difíceis. Mas todos os tempos nos trazem as suas graças e as suas dificuldades. Haverá vidas sem oportunidades e desafios? Fujo ou corro atrás do tempo? Será que temos tempo de resolver a crise presente? Tempo, sabedoria e modo! Em algum «tempo» seremos, verdadeiramente, felizes?

O texto que se segue apareceu assim: alguns pais de um Colégio, preocupados com os seus filhos, a aceleração da história, os *stresses* do quotidiano, as mil ocupações, o sonho do tempo livre e tudo a escapar por entre os dedos, pediram-me uma conferência sobre *A Gestão do Tempo*. Já lá vão uns tempos, uns poucos de anos, mas os desafios e interrogações parece que se renovam e até crescem com o tempo. Será que não aprendemos nada com o tempo? Pois aí vai o texto, agora um pouco alargado nos comentários e explicações, mas mantendo o estilo direto e coloquial com que foi dito e gravado.

Como diz o Salmo, que Aquele que está para além dos tempos e/ou por dentro do tempo nos conceda a sabedoria de, em todas as épocas e estações, vivermos momentos de eternidade, de graça e de liberdade.

Porto, 8 de setembro de 2012

Vasco Pinto de Magalhães, sj

A sabedoria do tempo

Começo esta conferência com um «ligeiro» atraso... Até calha bem porque o atraso é capaz de fazer parte da vida de quem «sabe perder tempo»! Aliás, essa é uma das minhas maiores especialidades. O «tempo» parece ser um problema que todos temos: não há tempo para nada, todos se desculpam com o tempo, ou não dá para nada ou nunca mais passa. Como gerir o tempo? Será que eu sou especialista na matéria? Bem, precisamente, não é o caso. E por isso me sinto à-vontade e com alguma «autoridade» para falar disto; ou seja, também ando nessa procura. Não tenho soluções, mas reflexões...

Então, sem perder mais tempo, vou passar a fazer alguns comentários, alguns *flashes*, sobre esta questão, esperando que nos possam ajudar a todos.

1

CADA UM TEM TEMPO PARA AQUILO QUE QUER

A primeira coisa, muito simples, que gostava de dizer é esta: *cada um tem tempo para aquilo que quer*. Trata-se de uma primeira afirmação, mais ou menos bombástica, mais ou menos óbvia, mas parece-me ser uma grande verdade, muitas vezes esquecida. Cada um tem tempo para aquilo que quer. «Claro, já sabíamos!». Dirão alguns: «Vir aqui para ouvir isto: muito obrigado!...». Contudo, se é verdade que, em teoria, cada um tem tempo para aquilo que quer, então, a grande questão é saber se queremos mesmo. E podemos concluir já que, se não tivemos tempo para «tal coisa», foi porque, no fundo, não quisemos, ou quisemos antes outra coisa.

Mas, antes de avançarmos mais, façamos um breve compasso de espera que também

ajuda a gerir o tempo! E invoquemos aqui um santo especial. Qual? O «Santo Hoje». É um santo que anda muito maltratado, ao qual o Papa João XXIII escreveu uma oração muito bonita, que valia a pena rezarmos todos ao começo de cada dia e que trata de nos dispor a santificar a oportunidade do «agora» e de cada momento como se fosse o único.

Hoje, apenas hoje!

1. *Procurarei viver pensando apenas no dia de hoje, sem querer resolver de uma só vez todos os problemas da minha vida.*

2. *Hoje, apenas hoje, terei o máximo cuidado com a minha convivência: afável nas minhas maneiras, a ninguém criticarei, nem pretenderei melhorar ou corrigir ninguém à força, senão a mim mesmo.*

3. *Hoje, apenas hoje, serei feliz na certeza de que fui criado para a felicidade, não só no outro mundo, mas também já neste.*

Cada um tem tempo para aquilo que quer

4. *Hoje, apenas hoje, adaptar-me-ei às circunstâncias sem pretender que sejam todas as circunstâncias a adaptarem-se aos meus desejos.*

5. *Hoje, apenas hoje, dedicarei dez minutos a uma boa leitura. Assim como o alimento é necessário para a vida do corpo, assim a boa leitura é necessária à vida do espírito.*

6. *Hoje, apenas hoje, farei uma boa ação e não direi nada a ninguém.*

7. *Hoje, apenas hoje, farei ao menos uma coisa que me custe fazer; e se me sentir ofendido nos meus sentimentos, procurarei que ninguém o saiba.*

8. *Hoje, apenas hoje, executarei um programa pormenorizado. Talvez não o cumpra perfeitamente, mas ao menos escrevê-lo-ei. E fugirei de dois males: a pressa e a indecisão.*

9. *Hoje, apenas hoje, acreditarei firmemente – embora as circunstâncias mostrem o contrário – que Deus se ocupa de mim como se não existisse mais ninguém no mundo.*

10. *Hoje, apenas hoje, não terei qualquer medo. De modo especial, não terei medo de apreciar o que é belo e crer na bondade.*

Ámen.

Pergunto: estamos aqui, nesta conferência? Então vamos «estar mesmo» aqui; ou seja, vamos santificar este momento, este tempo. Mas é preciso querê-lo. Pois, por vezes, estamos aqui e estamos noutro lado... não estando inteiros no que verdadeiramente interessa! Isso acontece porque vivemos muitas vezes no ontem ou no amanhã, o que nos tira esse momento único na vida que é a oportunidade do «agora». Ora, há uma sabedoria cristã muito própria que é a sabedoria do *agora*, a do «Hoje».

Isto pode parecer uma banalidade, mas revela um grande perigo: é que o Ontem e o Amanhã podem ser verdadeiras idolatrias alienantes. E há muitas pessoas que vivem escravizadas por essas idolatrias! Nunca estão onde deviam estar, nunca estão onde tinham de estar. Ou estão antes, ou estão depois, ou estão

ontem, ou estão amanhã... Enfim, «estão fora!» da realidade. E a tomada de consciência disto é importantíssima e tem a maior influência na concretização da tal afirmação: «cada um tem tempo para aquilo que quer».

Reparem que, habitualmente, todos achamos que queremos o que dizemos... Todos dizemos (ou aparentamos) ter as prioridades relativamente bem arrumadas. Só que, muitas vezes, esquecemo-nos de algo fundamental: é que uma coisa são as «prioridades da cabeça», outra coisa são as «prioridades do coração».

Se eu lhes pedisse para fazerem agora a lista das vossas prioridades, saía tudo certo. Sabemos muito bem o que é mais importante: o tempo para dedicar à mulher, ou ao marido; o lugar e o tempo a dar aos filhos; o tempo certo para o trabalho e o descanso... Sim, na cabeça (nas intenções, talvez) está tudo certo. O grande problema vem quando perguntamos: «Quanto tempo é que você dedica, por dia, à sua criança mais pequena; quanto tempo é que dedica, por dia, à oração, por exemplo, que acaba de pensar que também é fundamental?». Aí começam os problemas... Aí se começa a perceber que,

afinal, há grandes desfasamentos entre o que nós pensamos (projetamos) e o que nós fazemos, isto é, o que realmente queremos.

Aliás, é bem verdade que o que comanda a vida é *o afeto*, não é o pensar.

Santo Agostinho dizia que é o querer que nos leva e estimula o intelecto e a compreensão; ao contrário do que muitas vezes pensamos. «Eu penso e depois isso passa para a realidade», dizemos, nós. Mas é mentira! Aquilo que eu penso não passa tão facilmente para a realidade, mas é aquilo que eu quero – mesmo – que determina as minhas ações. Só que às vezes, no fundo, não queremos – ou «ainda não» queremos.

E isto é uma questão muito clara, para responder com franqueza: Que prioridades vivo? As prioridades da razão ou as do coração?

Viver ao terceiro dia

A este propósito podemos ler uma coisa interessante no Evangelho. Quando Nossa Senhora perde o Menino Jesus, e depois o encontra no Templo, há ali um problema

de tempo: encontram-no «ao terceiro dia» (Lc 2, 46). A questão está nestes três dias que mais parece um número «mágico» e que está sempre a reaparecer no Evangelho e já nos Profetas (Os 6, 2). Há muita sabedoria nesta «história» do «terceiro dia» como o «tempo sagrado» a gerir e a descobrir. A expressão *três dias depois* ou *ao terceiro dia* significa o tempo mínimo e necessário para gerir e dar a volta a uma situação perturbadora, para passar da preocupação à cabeça e da cabeça ao coração: o tempo necessário para a poder ver com olhos novos... para começar a ver as coisas de outro modo: um modo novo ou «ressuscitado»! (Lc 24, 7; Mc 8, 31; Jo 2, 19; 1 Cor 15, 4).

Tempo para Maria e José encontrarem Jesus e verem-no já não como menino perdido, mas crescido e no seu sítio, o Templo. Tempo para os Apóstolos se abrirem e encontrarem com a nova situação de Jesus, Ressuscitado, quando parecia perdido na cruz. Tempo de luto e muitos lutos. Às vezes estes «três dias» levam anos!

Um «primeiro dia», ou primeiro tempo, é o do choque: Perdemos! Morreu! Está doente! E agora? Um «segundo dia» é o tempo

de interiorizar, confrontar, «dar voltas no seu coração» como diz o Evangelho que Nossa Senhora fazia para ver se percebia a resposta do filho. Até chegar o «terceiro dia», em que já se começa a fazer luz e a ver (e aceitar) as coisas de outro modo, vendo melhor a realidade com que se há de viver.

Vale a pena repetir e sublinhar: o texto de S. Lucas diz que Ela, Maria, voltou para casa «dando voltas em seu coração». Não diz que vinha a dar voltas à cabeça... mas «voltas ao coração» – para ver se percebia! Pode não parecer, mas é o que está certo: porque é pelo afeto que nós apanhamos as coisas por dentro. E esta observação traz ao de cima a nossa maior questão: a educação do afeto. Nós achamos que é a educação da razão que importa, para que tudo, realmente, seja muito claro; mas são as razões do coração, que às vezes ainda não afloraram e que ainda não consigo pôr em prática, que mexem o mundo. «Ao terceiro dia» começa a revelar-se o outro lado da realidade: a ressurreição.

Experimentem, hoje, fazer o exercício sugerido: ver quais as prioridades da cabeça e, depois, o tempo, realmente, dedicado a cada

Cada um tem tempo para aquilo que quer

coisa. É uma questão de ver o índice-tempo: o tempo que eu dou àquilo que considero mesmo importante. Depois comparem a teoria com a prática... Tenho a certeza de que verão que é preciso dar a volta e «dar voltas».

Tempo para estar e ouvir

Um bom exemplo da importância deste exercício, revelador do valor que damos às nossas prioridades na distribuição do tempo, é este conselho que já tenho dado algumas vezes a alguns pais (mas também pode ser para as mães!): convidem os vossos filhos – mesmo pequenos – para almoçar! Um de cada vez e com tempo... para estar e ouvir. Ou vão dizer-me que não têm tempo?

Costuma funcionar muito bem. A um pai que se andava a queixar imenso de um dos filhos: que não sabia o que lhe havia de fazer; que no colégio não estudava nada; que são uns treze anos impossíveis, que só refila, exige... está com péssimo feitio... Então, eu disse-lhe: «Olha não sei, vou pensar». Depois, à tarde, telefonei-lhe a dizer: «Já sei, convida-o para almoçar...».

Ele ficou sem saber o que dizer... «Sim, põe na tua agenda, e convida-o para almoçar. Telefona-lhe para o telemóvel, quando ele estiver no colégio, e convida-o para almoçar. Mas não para lhe perguntares pelas notas, não para saber se tem namorada... Não para fazer essas perguntas todas que os pais têm a mania de fazer e que às vezes não deviam fazer, ou que deviam fazer, mas na hora certa, e sem aquele



Convidem os vossos filhos para almoçar.

ar “chateado” e no meio de outras gritarias! Tens tempo para todos os almoços de trabalho que queres, por que é que não hás de almoçar com o teu filho?... Este é um almoço de trabalho do afeto! Porque ele sabe que tem pai, saber sabe... mas não o sente. O grande problema pode vir daí: se ele não “sente” que tem pai... e tu também não vais tendo oportunidade (tempo) de exercer a tua paternidade, fica difícil. Experimenta exercê-la mais vezes!».

Os miúdos falam, com frequência, do pai como de um senhor maldisposto, que quase todas as manhãs aparece com «cara de ontem» e incomoda toda a gente lá em casa... até sair. Depois, pode aparecer à noite a querer saber tudo o que se passou, mas não deixa ninguém falar porque isso lhe dá cabo do seu sossego e não lhe deixa ver o telejornal. Para o miúdo não basta dizer-lhe «coitado do pai que anda maldisposto!»... O facto é que esta aparente caricatura tem muito mais realidade do que possa parecer.

Portanto, cada um se examine. Pois, a questão é esta: se eu quiser ter tempo para

aquela criança, tenho. Mas que não seja aquele tempo «utilitário» para gritar que «estas notas não se apresentam, porque tu... e porque vocês...». O miúdo também sabe que aquelas notas não se apresentam, sabe isso perfeitamente, e, por vezes, anda a apresentá-las exatamente por causa disso, para ver se alguém lhe liga. E eu disse a este pai meu amigo: «não fales nas notas e nessas coisas todas de que tens a mania de falar, agora!... Claro que isso é importante, está na tua cabeça, e também é prioritário. Mas, agora, para o miúdo, no coração dele, o importante é outra coisa: achar que tem um pai com tempo para ele; e descobrir isso é fundamental».

Passaram alguns meses depois desta conversa e o miúdo melhorou em imensas coisas.

Este é, pois, o primeiro ponto a sublinhar: nós temos tempo para aquilo que realmente queremos, para aquilo que levamos no coração, não para aquilo que levamos na cabeça. E há aqui um trabalho enorme a fazer de educação dos afetos.

Índice

| | |
|--|----|
| <i>Apresentação</i> | 7 |
| <i>A sabedoria do tempo</i> | 9 |
| 1. Cada um tem tempo para aquilo que quer | 11 |
| Hoje, apenas hoje! | 12 |
| Viver ao terceiro dia..... | 16 |
| Tempo para estar e ouvir..... | 19 |
| O «pecado original»: a pressa | 23 |
| 2. Mudança de paradigmas | 27 |
| O <i>eu</i> centro do mundo | 28 |
| Peregrinos ou turistas..... | 28 |
| O ócio e o negócio..... | 31 |
| O desporto e o espetáculo..... | 33 |
| O lugar da mulher e do homem..... | 36 |
| 3. Tempo livre ou um tempo de liberdade ... | 43 |
| Estar inteiro no que faço | 45 |
| A sabedoria do Sábado e dos anos jubilares | 49 |
| Truques para libertar a liberdade..... | 51 |
| <i>O diálogo e a coragem de deitar fora</i> | 51 |
| <i>O tempo e os tempos</i> | 53 |
| <i>Rir (e chorar)</i> | 55 |

| | |
|---|------------|
| 4. Fazer a pergunta certa..... | 57 |
| Tempo de amadurecer | 59 |
| Ultrapassar o <i>stress</i> | 62 |
| Mudança de referências: a cabeça e o coração | 65 |
| | |
| 5. Crises e maturidade | 73 |
| A relação entre o espaço e o tempo | 73 |
| Solidão positiva | 74 |
| A família como comunidade alargada ... | 79 |
| Sem crises não há maturidade | 81 |
| | |
| <i>Resumo, para acabar, em três recados.....</i> | <i>87</i> |
| Primeiro recado | 87 |
| Segundo recado | 87 |
| Terceiro recado | 88 |
| | |
| <i>Resumo do resumo.....</i> | <i>89</i> |
| | |
| <i>Posfácio</i> | <i>91</i> |
| | |
| <i>Anexos.....</i> | <i>93</i> |
| Tempo de descanso | 95 |
| Férias: lugares de encontro | 109 |
| | |
| <i>Índice.....</i> | <i>125</i> |